



**A interdição das imagens:
a construção do outro pelas
charges de Maomé**

**Alberto Klein
Maria Luisa Hoffmann**

A interdição das imagens: a construção do outro pelas charges de Maomé

Interdiction of images: the construction of the other in Mohammed's cartoons

Alberto Klein *
Maria Luisa Hoffmann **

Resumo: *Este artigo analisa a construção do islã como imagem invertida do ocidente através da publicação das Charges de Maomé em um jornal dinamarquês em setembro de 2005. A associação do profeta islâmico com o terrorismo em imagens é discutida à luz de pressupostos teóricos da semiótica da cultura e de autores como Vilém Flusser e Norval Baitello Júnior.*

Palavras-chave: *imagem; mídia; islã; Maomé.*

Abstract: *This paper analyses the building of Islam as an inverted image of western culture, as a result of the publication of cartoons representing prophet Mohammed in a Danish newspaper in September of 2005. The association of the prophet to terrorism in images is discussed in light of the contributions of semiotics of culture and authors such as Vilém Flusser and Norval Baitello Jr.*

Key-words: *image; media; Islam; Mohammed.*

* Professor do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Autor do livro *Imagens de culto e imagens da mídia*, publicado pela Sulina. E-mail: betoklein@yahoo.com.br.

** Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Comunicação na mesma instituição. Bolsista da CAPES. E-mail: maluhoffmann@yahoo.com.

Introdução

Considerando sua força de persuasão, os meios de comunicação muitas vezes induzem o público, organizam a coletividade e agem diretamente sobre sua maneira de ver, reconhecer e pensar o mundo. Para Pross (*apud* BAITELLO JÚNIOR, 1997, p.104), a função primordial da mídia é a de sincronizadora de uma sociedade, e o vínculo com ela estabelecido é o que nos atrai. Na cultura da visibilidade, na qual tudo é criado com o fim de ser visto, as imagens são exploradas com o intuito de seduzir e prender a atenção do público. A credibilidade da imagem, sua supervalorização em detrimento da informação, pode gerar conflitos e reforçar estereótipos.

A proliferação, fruto da reprodutibilidade técnica, trouxe muito mais do que democratização prometida, trouxe o surgimento de uma instância crescente de imagens que se insinuam para serem vistas enquanto decresce a capacidade humana de enxergá-las. (BAITELLO JÚNIOR, 2005, p. 96).

O presente estudo busca, através da análise de algumas peças da mídia ocidental, analisar representações imagéticas que banalizam e criminalizam a figura dos mulçumanos. Para tanto, são consideradas objeto deste texto as charges representando o profeta Maomé, publicadas pelo diário dinamarquês *Jyllands-Posten* em setembro de 2005. As charges, além de representar figurativamente o profeta, o que já é proibido pelo islamismo, associam-no a atos suicidas ou terroristas. Essas representações desvirtuadas constituem apenas parte de um cenário de referências redutoras do islã na mídia ocidental, estimulando no seu horizonte uma espécie de cultura do medo em relação ao Oriente Médio.

As representações imagéticas

Flusser (2002, p.9) afirma que imagens são mediações entre o homem e o mundo e que vivemos em sua função. Para Klein (2006, p.48), “imagens são textos culturais, construídos pelo homem, frutos de sua imaginação, que duplicou seu mundo e seu imaginário, dando-lhes formas figurativas ou abstratas nos mais diversos suportes visuais”. Na cultura da visibilidade a imagem torna-se mais importante, ou tão importante, quanto o objeto em si, e cria um sério conflito entre representação e presentificação.

O diagnóstico de vários pensadores da mídia, ao longo do século XX, permite-nos afirmar que a visibilidade se coloca como condição indispensável para a existência social do indivíduo na contemporaneidade. Walter Benjamin (1969), na década de 30 do século passado, identificava, com a reprodução técnica de imagens, uma mudança perceptiva quanto ao valor de exposição da imagem. Seja na “Sociedade do Espetáculo” de Debord (1997), na compreensão dos simulacros de Baudrillard (1991) ou na própria noção de Pós-História de Vilém Flusser (2007), o que notamos, apesar da complexidade de cada um desses conceitos, é uma convergência das experiências culturais, sociais, políticas, entre outras, para o campo das representações imagéticas. Apesar das diferenças de postura valorativa desses pensadores diante do lugar da produção midiática na sociedade, há um consenso em relação a um processo irrefreável de imagetização do mundo. (KLEIN, 2008, p.3).

Essa “imagetização do mundo” justifica a atual hegemonia da visão sobre os demais sentidos. Nas palavras de Flusser (2002, p.33), as imagens invertem o “vetor de significação das coisas”, ou seja, as imagens tornam as coisas reais. Paralelamente, “as coisas tendem a se transformar em signos e os signos em coisas”. (PIGNATARI, 2002, p.84).

Desta maneira, as imagens perdem sua referência com o real, e criam o que Baudrillard (1991, p.13-14) chamou de “simulacros” e “hiper-

realidade”. A mídia reproduz continuamente as mesmas imagens, com o mesmo conteúdo, sob os mesmos ângulos e perspectivas, e, de acordo com Baitello Júnior (2005, p.93), imagens remetem a imagens, em um fenômeno de “auto-referência”. Por meio de imagens de alto impacto simbólico os *media* utilizam cada vez mais o apelo sensorial para atrair o espectador e persuadi-lo, e o público, por sua vez, saturado pelas informações visuais, já não consegue mais enxergar.

Charges jornalísticas

Segundo Pignatari (2002, p.45), a ideia de informação está sempre ligada à ideia de seleção e escolha. Contrera (2004, p.19) complementa que talvez, em épocas de saturação da informação, a capacidade de selecionar adequadamente seja o mais relevante para o trabalho do jornalista. A mídia determina padrões de composição e, desta forma, uma imagem acaba por fazer referência à outra. Não apenas em seu conteúdo físico, mas também no conteúdo simbólico. “Não é de se espantar que o jornalismo esteja tecendo seus textos, simulacros como todo o resto da produção midiática em volta de seu próprio umbigo [...] no circuito fechado da auto-referência.” (CONTRERA, 2004, p.25).

No jornalismo podemos observar o apelo pelo abuso visual, que Contrera (2004, p.26) chama de estética do grotesco. Sobre isso, Sontag (1981, p.41) conclui que “a longo prazo, o convívio com o grotesco funciona não como uma forma de libertação mas de subtração do próprio eu: uma pseudofamiliarização com o que é horrível fortalece a alienação, tornando-nos menos capazes de reagir na vida real”.

Essa nova “ética” está presente também no conteúdo editorial dos meios, como em charges relacionadas a temas contemporâneos. Através de técnicas de ilustração e do exagero as charges opinam sobre os fatos, e muitas vezes tendem ao grotesco. Romualdo (2000, p.15) caracteriza a charge como um texto imagético e humorístico, que atrai mais a atenção e transmite rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens

e fatos políticos, sem prescindir de relações com outros textos dentro do jornal. Os textos chárgicos têm claramente a função de persuadir o leitor. São opinativos e, geralmente, se relacionam aos conteúdos presentes no próprio meio. Para compreendê-los, é necessário conhecimento prévio sobre esses fatos.

O islamismo e a mídia

Islã, do árabe *islam*, significa “submissão absoluta do ser diante de Deus” e também pressupõe um conjunto de concepções culturais e normas de conduta. Não se pode falar hoje na existência de um único islã, tampouco existe o islã árabe, mas sim vários islãs árabes. Embora todos se baseiem no Corão¹ e tenham práticas em comum, os países islâmicos compõem hoje um quadro muito diversificado em termos políticos, sociais e econômicos, o que influi diretamente sobre as características da religião, que tem mais de um bilhão de adeptos em todo o mundo. Segundo o Departamento de Estado dos Estados Unidos, é uma das religiões que mais crescem naquele país. Até o ano 2010, a população muçulmana nos EUA deverá superar a população de judeus, fazendo com que o islamismo seja a segunda maior fé depois do cristianismo.

A diversidade faz cada indivíduo ter seu olhar educado de acordo com sua cultura, levando muitas vezes a uma relação com uma alteridade a ser negada nos textos culturais. No Ocidente existe um processo de “apagamento” da identidade de outras culturas, e isso acontece quando pessoas ou atitudes, por exemplo, são qualificadas como “orientais”. Isto se deve em grande parte, sem dúvida, à narrativização simplificadora do Oriente nos meios de comunicação de massa que, dentro de uma lógica de superficialidades, acaba escondendo as complexidades em benefício dos discursos dualistas.

¹ Corão ou Alcorão: livro sagrado que contém o código religioso, moral e político dos muçulmanos ou maometanos; [...] livro, prescrição que se confia plenamente. (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.144).

O conceito de “islâmico” envolve a mesma operação de apagamento da identidade do outro. Sob esse rótulo quer se designar uma única realidade, um único comportamento, uma única identidade, [...] ao contrário, o islã abre as portas para uma realidade extremamente complexa. (ARBEX JUNIOR, 1996, p.98).

A sedimentação do Oriente Médio como imagem invertida do Ocidente tomou seu lugar no dia 11 de setembro de 2001. Nesta data, quatro aviões norte-americanos, comandados por terroristas, atacaram o *World Trade Center*, em Nova Iorque, o Pentágono, nos arredores de Washington, e um deles caiu na Pensilvânia, a caminho da Casa Branca. Foram mais de 3.700 mortos e após os atentados o preconceito contra mulçumanos, que já existia, agravou-se.

Os meios de comunicação de massa em geral, principalmente os norte-americanos, posicionaram-se a favor do governo com relação às medidas tomadas após os atentados. Para Chomsky (2003, p.32) “a atitude da mídia norte-americana é absolutamente típica da grande mídia, e das classes intelectuais em geral, ao alinhar-se em apoio ao poder num momento de crise e tentar mobilizar a população para esta causa”. Dessa forma, os *media* reforçaram os estereótipos do islã. Notícias de ataques e guerras apresentaram o mulçumano como um fanático violento. O poder de influência da mídia fica claro no trecho de D’Adesky (2005, p.88):

Portanto a mídia aparece como uma dinâmica das relações interétnicas, suscetível de orientar atitudes e de provocar mudanças de mentalidade no interior das sociedades. Nesse sentido, a mídia tem papel não negligenciável na produção da identidade, na medida em que é vetor de informações e de imagens que podem ser valorizadas ou manipuladas segundo os interesses em jogo [...]. Nesse sentido, o fenômeno midiático apresenta-se como um reflexo especular, valorizando ou não o “eu”. Dessa forma, podemos concordar com Silvia Ostrowetsky, que considera a televisão, o cinema e a fotografia como percepções gravadas que, no momento de sua exposição ou emissão, envolvem o indivíduo imaginariamente, algumas vezes com mais força que o próprio espaço físico.

Dentre as medidas tomadas estão o aumento drástico do controle de passageiros e cargas em aeroportos e a criação da Lei Patriota, que ampliou o poder do governo americano para obter documentos privados, promover escutas telefônicas e buscas em residências. Uma justiça de exceção se estabelecia.

O ministro da Justiça, John Ashcroft, mandava adotar uma lei anti-terrorista, dita 'lei patriótica', que permite às autoridades deter suspeitos estrangeiros por um tempo quase indefinido, deportá-los, encarcerá-los em celas de isolamento, vigiar sua correspondência, seus telefones, suas comunicações via Internet, e dar buscas em seus domicílios sem autorização judiciária [...]. Não menos de 1200 estrangeiros foram assim secretamente detidos, dos quais mais de 600 continuaram encarcerados sem julgamento até o fim de dezembro de 2001, sem mesmo terem sido vários deles apresentados aos juízes, e sem a possibilidade de serem assistidos por um advogado. O governo dos Estados Unidos expressava, além disso, a sua intenção de interrogar cerca de 5000 homens de 16 a 50 anos, morando nos Estados Unidos com visto de turistas, que se tornaram suspeitos pelo simples fato de serem originários do Oriente Médio. (RAMONET, 2003, p.56).

Após alterações na lei, em março de 2006, o congresso aprovou-a em definitivo. "Em nome da 'guerra justa' contra o terrorismo, todas essas idéias generosas pareceram subitamente esquecidas." (RAMONET, 2003, p.55).

As charges do profeta

Em setembro de 2005, o jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* promoveu um concurso de caricaturas de Maomé, embora o islamismo proíba sua representação e a idolatria de imagens. Isso porque Maomé é considerado apenas um profeta e não símbolo da religião. Os muçulmanos temem que com a representação e exposição de imagens, o profeta possa

ser idolatrado como um Deus, assim como os cristãos fazem com Jesus. E, para o islamismo, só existe um Deus: Alá.

As doze charges publicadas desconsideram o relativismo cultural e ferem uma das instituições mais antigas da humanidade: a religião. O relativismo cultural refere-se aos valores relativos a cada cultura, seus conceitos de bem ou mal, certo e errado. Seus princípios morais são baseados e regidos de acordo com o que determinada sociedade aprova e podem ser negados por outra sociedade ou cultura. No islamismo, o próprio Corão estabelece parâmetros para a convivência, que englobam direitos e deveres.

Além de representar o profeta, as charges o associam ao terrorismo, criticam as crenças e condutas do islamismo. Na figura 1², umas das ilustrações vencedoras do concurso, o profeta é representado com um turbante-bomba, fazendo uma analogia aos homens-bomba, terroristas responsáveis por atentados. Além de transgredir o preceito islâmico de não representar o sagrado, a imagem sugere uma iminente explosão, causando então a destruição ou a “morte” (simbólica) do profeta.



*Figura 1 - Charge de Maomé 1
Autor: Kurt Westergård
Fonte: Peter Singer... (2007)*

² As charges reproduzidas neste artigo não têm a intenção de insultar a fé islâmica. O que está sob análise é a publicação das charges e não as charges diretamente.

Kurt Westergård, autor do desenho, desconsidera o fato de que o islamismo é uma religião que sofreu influências diversas e inúmeras subdivisões. Além disso, os grupos que provocaram atentados terroristas fazem parte do fundamentalismo religioso, sobretudo na sua versão militante, o que corresponde a uma pequena porcentagem dos muçulmanos. Existem hoje no mundo inúmeros grupos responsáveis por ataques terroristas, de diferentes religiões com reivindicações específicas.

Dentre as charges produzidas, duas causaram revolta generalizada. A mais polêmica delas, produzida por Kurt Westergård, mostra o profeta Maomé com um turbante na forma de uma bomba e prestes a explodir; a associação do profeta ao terrorismo soou como uma provocação aos muçulmanos, além de sugerir que a base fundamental da religião é terrorista. (KLEIN; MIANI, 2008, p.115).

Nessa outra charge (Figura 2), o profeta é retratado com uma adaga na mão e acompanhado de duas mulheres vestidas de burca. Essa veste feminina cobre todo o corpo, até o rosto, deixando apenas os olhos à mostra. A faixa que falta na burca está nos olhos do profeta, o que pode fazer alusão a uma prática dos meios de comunicação quando querem mostrar um crime sem identificar seu autor, relacionando a imagem de Maomé à de um criminoso. Um criminoso perigoso com uma adaga, pronto para o ataque. Os olhares amedrontados das mulheres também fazem referência ao crime que pode acontecer.



*Figura 2 - Charge de Maomé II
Autor: Rasmus Sand Høyer
Fonte: Peter Singer... (2007)*

Na figura 3, um desenhista esconde sua ilustração de Maomé, pois sabe que a religião não permite sua representação. A charge, com seu conteúdo irônico e político, tece uma crítica ao princípio islâmico, iconofóbico, que não permite representação ou adoração de imagens. Para que o leitor compreenda seu conteúdo, é necessário que tenha conhecimentos prévios sobre a religião.



*Figura 3 - Charge de Maomé III
Autor: Arne Sørensen
Fonte: Peter Singer... (2007)*

Além da crítica, a charge defende novamente a liberdade de expressão. Esse foi o pretexto utilizado pelo jornal para justificar o concurso. O posicionamento desse meio de comunicação está alinhado à política xenófoba do governo dinamarquês.

A coligação que governa a Dinamarca tem apoio no parlamento dos partidos de direita e extrema-direita no país. Aliás, o governo só se mantém no poder pelo fato de que um dos partidos de sua base, extremamente xenófobo, tem 13% dos deputados e sem o apoio desse partido, a coligação perderia a maioria e cairia. Recentemente, a rainha Margareth, em completo desprezo pela crença dos outros, proferiu a seguinte pérola: “estamos sendo desafiados pelo Islã nestes anos – quer a nível global quer local. Temos que mostrar a nossa posição ao Islã e temos que, às vezes, correr o risco de nos colocarem rótulos menos simpáticos”. Atente que o ataque central é mesmo contra a

religião islâmica. A rainha nem se preocupa em mascarar a sua fúria e seu ódio contra possíveis “extremistas” ou “fundamentalistas” como parte da mídia chama os militantes islâmicos. (CARVALHO, 2006, p.2).

Na próxima charge (Figura 4), o profeta é ilustrado com uma auréola e com os braços na posição comum dos santos representados em outras religiões. À auréola falta uma parte, fazendo com que ela fique dividida em duas. A imagem fica semelhante a de dois chifres, o que remete ao diabólico. Como se Maomé, que para os mulçumanos foi um profeta, fosse na realidade a representação do mal. Novamente o profeta do islamismo é relacionado ao maligno e, considerando o conteúdo irônico e extratextual da charge, é ligado indiretamente ao terrorismo.



*Figura 4 - Charge de Maomé IV
Autor: Poul Erik Poulsen
Fonte: Peter Singer... (2007)*

Após os atentados terroristas de 11 de setembro, George W. Bush, então presidente dos Estados Unidos, afirmou em um pronunciamento que ainda há muitas pessoas “más”, interessadas em levar adiante ataques terroristas. Esse discurso de salvação e de luta do bem contra o mal, no qual o Ocidente obviamente simboliza a justiça

e a liberdade, foi aceito por grande parte da população mundial, inclusive de países da Europa, que apoiaram, posteriormente, a invasão ao Afeganistão e ao Iraque.

As charges de Maomé delimitam dois polos, tratados como opostos, o Ocidente *versus* o Oriente. O jornal dinamarquês, por sua vez, mesmo que sem a intenção direta, destrói simbolicamente o outro, num gesto iconoclasta, seguindo a atitude de grande parte da mídia ocidental perante o islamismo.

Em seu artigo publicado no *Washington Post*³, Flemming Rose, editor de Cultura do jornal dinamarquês que publicou as imagens, expressou claramente as intenções político-ideológicas que embalaram a iniciativa, defendendo a liberdade de expressão. O concurso foi realizado após o assassinato de Theo Van Gogh, por ter feito um filme que denunciava a situação das mulheres islâmicas. Posteriormente, um escritor dinamarquês, ao escrever uma biografia de Maomé para crianças, não encontrou ilustradores que aceitassem desenhar o profeta.

As reações não foram imediatas. Porém, após a reportagem da *Al-Jazeera* sobre os desenhos, surgiram inúmeros conflitos em diferentes países. Foram organizadas manifestações oficiais e populares, algumas delas violentas, além do boicote diplomático e comercial à Dinamarca e do pedido de retratação. Na Nigéria, igrejas foram incendiadas e cristãos atacados, o que resultou em ao menos 15 mortes.

Além de transgredir um preceito islâmico, as charges, através da ironia, da sátira e do exagero, ridicularizam a imagem do islã e de seus símbolos. Geralmente apresentada na página do editorial dos jornais impressos, as charges são ilustrações que apontam a linha editorial e o posicionamento do veículo sobre determinado tema, com intuito de mobilizar o leitor para uma mudança de pensamento ou de atitude. Ao publicar as imagens, o jornal *Jyllands-Posten* tentou persuadir seu público, assegurando a existência da associação direta

³ ROSE, Flemming. Why I Published Those Cartoons. *Washington Post*, Washington, Feb. 2006. p.B01. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/02/17/AR2006021702499_pf.h tml>. Acesso em: 10 abr 2009.

entre o islamismo e o terrorismo, equalizando uma religião com centenas de ramificações, diferenças culturais, morais e estruturais, e que, assim como o cristianismo, sofreu diversas subdivisões.

Considerações finais

As charges são recursos pictóricos dos meios, geralmente impressos, para transmitir mensagens e posicionamentos que visam persuadir o leitor. Por meio dos recursos de ilustração, como os exageros e também através da ironia e do humor, os meios apontam sua linha editorial. As caricaturas e charges de Maomé, veiculadas pelo jornal dinamarquês *Jyllands-Posten* em setembro de 2005, satirizam crenças e preceitos da religião islâmica, ironizam o ícone de uma crença, além de infringir seu código de conduta que não permite representações do sagrado. As imagens ofendem o islamismo, relacionam o profeta ao terrorismo e ao mal, fazem crer que a religião está diretamente relacionada aos atos terroristas que são, na realidade, de responsabilidade de grupos fundamentalistas. É interessante lembrar também que muitos atos terroristas são empreendidos por grupos sem ligações religiosas.

Além de causar diversos conflitos e fortalecer percepções equivocadas, o concurso de charges e as ilustrações demonstram uma iniciativa de destruir simbolicamente o outro através da violência imagética e desqualificar a base cultural da religião, intimamente ligada à cultura e às normas de conduta de seus praticantes. A destruição simbólica por meio da ironia chárstica, pretendida pelo jornal, foi encoberta pelo princípio político de liberdade de expressão. As representações acentuam os dualismos Ocidente *versus* Oriente, bem *versus* mal, defendidos, de maneira geral, pela mídia ocidental.

Na cultura da visibilidade, os conflitos e tensões passam para o plano das imagens, e são instituídas novas formas de agressão

simbólica, através de insultos imagéticos aos ícones religiosos e políticos. Os meios de comunicação institucionalizaram o iconoclasmo midiático e, por meio dele, expressam suas convicções, opiniões e ideologias. Ao associar o islamismo e os países islâmicos ao poder repressor e ao terrorismo, a mídia apresenta o outro como o oposto, que deve ser temido e evitado. Transmitir imagens da destruição dos símbolos do islã, ironizar e ridicularizar a figura do mulçumano e de seu profeta dificulta a compreensão das complexidades culturais que envolvem a religião, geram discriminação e fortalecem preconceitos.

Referências

ARBEX JUNIOR, José. **Islã: um enigma de nossa época**. São Paulo: Moderna, 1996.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker, 2005.

_____. **O animal que parou os relógios**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BUCKLAND, Peter. Peter Singer on ridiculing religion, denying the Holocaust, and the freedom of expression. **Forms Most Beautiful**, Out.2007. Disponível em: <<http://formsmostbeautiful.blogspot.com/2007/10/peter-singer-on-ridiculing-religion.html>>. Acesso em: 01 dez. 2008.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de. A polêmica das charges contra Maomé. **Vermelho.org**, fev. 2006. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/diario/2006/0223/lejeune_0223.html>. Acesso em: 1 dez. 2008.

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CONTRERA, Malena Segura. Jornalismo e mídia: o fim do real e a consagração do universo midiático. In: CONTRERA, Malena Segura; FIGUEIREDO, Rosali Rossi; REINERT, Leila (Org.). **Jornalismo e realidade: a crise de representação do real e a construção simbólica da realidade**. São Paulo: Mackenzie, 2004. p.15-40.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIN, Alberto. Imagem como campo de tensão: usos e estratégias de imagens midiáticas pós-11 de setembro. **Intexto**, Porto Alegre, v.1, n.18, p.1-13, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufgrs.br/index.php/intexto/article/view/6722/4029>>. Acesso em: 14 abr. 2009.

_____. **Imagens de culto e imagens da mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KLEIN, Alberto; MIANI, Rozinaldo. A mídia, o sagrado e as imposturas da imagem: implicações semióticas das charges de Maomé. **Revista Quadrimestral FAMECOS**, Porto Alegre, n.37, p.115-120,

dez. 2008. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/5564/5047>>. Acesso em: 14 abr 2009.

PETER SINGER on ridiculing religion, denying the Holocaust, and the freedom of expression. **Forms Most Beautiful**, Oct. 2007. Disponível em: <<http://formsmostbeautiful.blogspot.com/2007/10/peter-singer-on-ridiculing-religion.html>>. Acesso em: 1 dez. 2008.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

RAMONET, Ignácio. **Guerras do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

ROSE, Flemming. Why I published those cartoons. **Washington Post**, Washington, Feb. 2006. p. B01. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/02/17/AR2006021702499_pf.html>. Acesso em: 10 abr. 2009.

SONTAG, Susan. **Ensaaios sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIN, Alberto. Imagem como campo de tensão: usos e estratégias de imagens midiáticas pós-11 de setembro. **Intexto**, Porto Alegre, v.1, n.18, p.1-13, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/6722/4029>>. Acesso em: 14 abr. 2009.

_____. **Imagens de culto e imagens da mídia.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

KLEIN, Alberto; MIANI, Rozinaldo. A mídia, o sagrado e as imposturas da imagem: implicações semióticas das charges de Maomé. **Revista Quadrimestral FAMECOS**, Porto Alegre, n.37, p.115-120, dez. 2008. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/5564/5047>>. Acesso em: 14 abr. 2009.

PETER SINGER on ridiculing religion, denying the Holocaust, and the freedom of expression. **Forms Most Beautiful**, Oct. 2007. Disponível em: <<http://formsmostbeautiful.blogspot.com/2007/10/peter-singer-on-ridiculing-religion.html>>. Acesso em: 1 dez. 2008.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

RAMONET, Ignácio. **Guerras do século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo.** Maringá: Eduem, 2000.

ROSE, Flemming. Why I published those cartoons. **Washington Post**, Washington, Feb. 2006. p. B01. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/02/17/AR2006021702499_pf.html>. Acesso em: 10 abr. 2009.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Arbor, 1981.